

## **Luteranismo e o Processo de Nacionalização no Extremo Sul Catarinense: Uma análise da Comunidade Evangélica de Araranguá (1930-1940)**

**Mateus Henrique Machado Minatto**

Graduando do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Tatiane Dos Santos Virtuoso**

Professora do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

**RESUMO:** Este artigo analisa vestígios da política de nacionalização do governo Vargas na comunidade evangélica luterana de Araranguá, no sul de Santa Catarina, durante a década de 1930. Para entender sobre as lutas de representações estabelecidas no tempo e espaço mencionado se pensará por meio do conceito de representação de Roger Chartier (1991) e por meio do conceito de identidades culturais de Stuart Hall (1992). Buscar-se-á entender como as políticas de nacionalização perpassaram o cotidiano dessa comunidade étnica e questões relacionadas à construção da identidade nacional, por meio das reflexões e historiografia do nacionalismo oriundos de Hobsbawm (1991), buscando compreender como a nacionalização influenciou essa comunidade e afetou sua estrutura social e simbólica, bem como as representações que permearam esse processo. A metodologia utilizada está articulada a análise de fontes como documentos históricos locais, dos quais possuem entrevistas com membros da comunidade e seus descendentes e a revisão bibliográfica, que demonstram singularidades da nacionalização sobre a comunidade luterana de Araranguá.

**Palavras-Chave:** Luteranismo, Nacionalização, Germanidade, Getúlio Vargas

### **1. INTRODUÇÃO**

Durante o governo Vargas, mais especificamente na década de 1930, houve um forte

empreendimento estatal em nacionalizar o país, uma operação que foi estruturada a nível nacional, sob a égide do Estado Novo, visando inserir regiões de fluxos migratórios num só projeto cultural “nacionalizante”. O conceito de nação é discutido por estudiosos como Hobsbawm (1991) e Stuart Hall (1992), quando enfatiza que:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica [...] (Hall, 1992).

Daí a criação de símbolos, ou a manutenção deles com sua alta propagação para a criação de um *establishment* de uma cultura nacional. Nesse artigo serão trabalhados os conceitos de nacionalismo delineados e historicizados pelo historiador Hobsbawm (1991), bem como a construção de identidade nacional como problematizado pelo sociólogo Stuart Hall (1992). Stuart Hall (1992) fornece uma perspectiva valiosa sobre como as identidades são construídas. A compreensão da construção de uma identidade nacional no contexto da nacionalização varguista requer uma análise crítica das imagens, discursos e narrativas que foram promovidos pelo Estado e como eles influenciaram a percepção das comunidades étnicas, como a comunidade étnica luterana, sobre seu próprio lugar na sociedade brasileira. O trabalho de Hall auxilia na análise de como essas identidades culturais afetaram as interações e percepções dentro da comunidade, entre comunidade e o Estado.

Os conceitos de nacionalismo, como delineados por Eric Hobsbawm (1991), oferecem uma lente analítica importante para entender o contexto em que a nacionalização varguista ocorreu na década de 1930. Hobsbawm (1991) explora como os estados modernos constroem uma narrativa unificadora de identidade nacional, muitas vezes por meio da promoção de símbolos e práticas culturais comuns. Isso é particularmente relevante para o estudo da nacionalização no Brasil, onde o Estado Novo buscava transformar a diversidade cultural e étnica em um projeto nacional unificado. Os conceitos de Hobsbawm (1991) auxiliam na análise das políticas e estratégias adotadas pelo governo Vargas para atingir esse objetivo, bem como nas respostas das comunidades étnicas, como a comunidade luterana, a essas políticas.

Para a compreensão das representações simbólicas que permeavam o imaginário da comunidade de imigrantes alemães na Araranguá da década de 1930 o conceito de representações oriundo de Chartier (1992), corrobora para a ideia das representações

simbólicas como elementos centrais na compreensão da cultura e da história, destacando sua diversidade, contextualidade, mediação, recepção ativa e a capacidade de transformação da realidade social. Sua abordagem influenciou significativamente o campo da História Cultural, promovendo uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na produção e na interpretação de significados culturais. Para Chartier há uma necessidade de investigar os documentos e narrativas criticamente, apreendendo deles os significados simbólicos que os perpassam, e neles são criados, como coloca a seguir:

[...] Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (Chartier, p. 183, 1992).

Nesse sentido, este artigo se propõe a desenvolver um recorte analítico acerca do protestantismo brasileiro, focando a comunidade étnica luterana localizada durante a nacionalização varguista, na década de 1930, no extremo sul catarinense, na cidade de Araranguá.

Entender as especificidades da comunidade étnica luterana a partir dos estudos que abordam a temática dentro do contexto nacional colabora para a problematização acerca da organização das comunidades evangélicas étnicas no extremo sul de Santa Catarina, bem como buscar indícios acerca do comportamento dessas instituições frente a nacionalização empreendida na Era Vargas. Ainda se pode pensar sobre como o catolicismo local reagiu a partir da chegada de um outro segmento cristão.

A análise bibliográfica de pesquisa sobre o luteranismo brasileiro é abordada por alguns autores da historiografia brasileira, sendo estes, João Klug (1991) em sua dissertação “Consciência Germânica e Luteranismo na Comunidade Alemã de Florianópolis (1868-1938)”, na qual faz uma análise profunda e localizada acerca do protestantismo luterano em Santa Catarina e seus entrelaçamentos com o contexto de nacionalização. Marlene de Fáveri (2005) em “Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina”, faz uma junção e problematização sobre a análise de documentos como narrativas orais acerca das vivências de imigrantes, sobretudo alemães, na Segunda Guerra e em pleno

processo de nacionalização, bem como documentos oficiais governamentais.

O historiador René Gertz, ex-professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, também discute a questão do luteranismo e a germanidade em solo brasileiro. O historiador e professor universitário brasileiro aposentado é especialista em nazismo no Brasil, integralismo, imigração e Era Vargas. Entre as suas pesquisas encontra-se o artigo intitulado “Os Luteranos no Brasil” (2007), no qual procura sistematizar alguns aspectos que caracterizam os luteranos no Brasil no decorrer de seus cerca de 175 anos de história no Brasil, pontuando elementos constitutivos dessa história como os processos de nacionalização e germanização.

O segmento protestante brasileiro ainda é pouco vislumbrado nas pesquisas diante da vastidão bibliográfica que possui o catolicismo romano (Bertone, 2012, p.172). Desde a década de 1940, quando o historiador francês Émile G. Léonard<sup>1</sup> veio ao Brasil lecionar na USP, começa-se a fazer uma abordagem histórica sobre as denominações protestantes no Brasil. Sua obra “O Protestantismo Brasileiro”, foi reunida em livro em 1963, na qual o autor organiza a primeira grande síntese sobre o protestantismo no Brasil. Inicialmente, seus conteúdos foram publicados em forma de artigos na Revista de História da USP, sendo nos primeiros anos da década de 1960 o primeiro trabalho a explicitar claramente seus objetivos e métodos para o leitor, representando maior rigor historiográfico e metodologias específicas na sua produção (Watanabe, 2006, p. 46).

Para se estabelecer um diálogo historiográfico com a religiosidade protestante brasileira, há de se fazer a distinção sobre qual o sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo<sup>2</sup> construiu conceitualmente, numa classificação inicial, Camargo (1973) dividiu o protestantismo em dois amplos grupos: o "Protestantismo de Imigração" e o "Protestantismo de Conversão". Essa distinção fundamental baseou-se em alguns critérios, como a universalização da mensagem e outros aspectos relacionados à origem, estrutura política e perfil dos membros das diferentes denominações. O "Protestantismo de Imigração" foi identificado como aquele

---

<sup>1</sup> Émile G. Léonard, possuía formação acadêmica em História e desfrutava de prestígio e reconhecimento na comunidade acadêmica. Originário da França, ele veio ao Brasil no final da década de 40 para lecionar na Universidade de São Paulo. Seu livro "O Protestantismo Brasileiro" foi escrito no Departamento de História da USP, que era então um dos principais centros de fomento da pesquisa e História no Brasil e havia sido dirigido por Fernand Braudel, influenciado pela nova corrente historiográfica francesa. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/040e8165-2611-472e-87b8-3175683218>, acesso em 18/11/2023.

<sup>2</sup> Cândido Procópio (1922-1987) nasceu em São Carlos, mas viveu quase toda a vida na cidade de São Paulo, estudou no Colégio São Luís, formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (1945) e depois em Filosofia, pela PUC-SP (1949). Sua formação ainda contou com uma especialização na Sorbonne Université (1947) e um doutorado na Columbia University (1954), ambos na área de filosofia.

inicialmente associado à preservação do patrimônio cultural e dos interesses de migrantes étnicos, especialmente no Sul do Brasil. Essas igrejas, com estruturas mais fechadas, mantinham-se menos propensas a universalizar sua mensagem, concentrando-se mais na preservação de suas tradições e na comunidade étnica de origem. Por outro lado, o "Protestantismo de Conversão" abarcava denominações mais abertas e inclusivas, voltadas para a conversão e acessíveis a todas as pessoas. Essas igrejas buscavam alcançar um público mais amplo no Brasil, enfatizando a difusão de sua mensagem e a conversão de novos membros. A classificação proposta por Camargo (1973) não se limitou apenas a uma análise denominacional, mas procurou compreender também as funções sociais desempenhadas por esses diferentes tipos de protestantismo no país. Ele sugeriu a necessidade de considerar não apenas as crenças e práticas religiosas, mas também o papel cultural, social e político dessas igrejas na sociedade brasileira (Watanabe, 2006, p. 106).

Nisso ele denominou o protestantismo difundido no meio dos imigrantes alemães no Brasil de *protestantismo de imigração*. E evidenciou uma distinção entre os alemães que eram protestantes, e os que eram católicos, na medida que principalmente o primeiro grupo utilizava da religiosidade luterana como afirmação de identidade cultural étnica religiosamente distinta:

[...] o protestantismo introduzido principalmente no Sul do país e que cumpriu, de início, funções de preservar o patrimônio cultural e o sistema de interesses de migrantes alemães e outras minorias étnicas, sugere análise destes tipos não somente em termos de sua correlação com as categorias genéricas atrás delineadas, como também quanto às funções sociais especialmente por eles preenchidas no país. (Camargo, 1973, p.131).

A análise do "luteranismo germânico" em terras catarinenses, permeada por narrativas de isolamento ou até perseguição, conforme destacado por Gertz (2007) sugere a necessidade de compreender as representações simbólicas que permeavam as práticas cotidianas da comunidade. Essas representações, enraizadas na cultura, no isolamento e na afirmação identitária religiosa, desempenharam um papel fundamental na forma como a comunidade de imigrantes alemães na Araranguá das décadas de 1930 e 1940 se percebia e interagia com a sociedade brasileira. Sobre o isolamento e a *guetização*, termo que coloco como forma de destacar o afastamento social vivido por essas comunidades germânicas, Gertz coloca que:

Nesse sentido, deve-se chamar a atenção para o fato de que para a opinião pública brasileira, e também para muitos cientistas sociais, as comunidades de origem alemã em geral, e sobretudo as luteranas, se caracterizariam pelo profundo isolamento. Em uma pesquisa realizada no início dos anos 1960, sob orientação de Darcy Ribeiro, a respeito de uma comunidade rural no interior de Santa Catarina, lê-se: “a Comunidade Evangélica, sempre reunindo um grupo de origem alemã, constitui um dos fatores que mais se opõem à assimilação dos seus elementos à sociedade brasileira (Gertz, 2007, p. 14).

Além disso, os estudos de historiadores João Klug (1991) e Marlene de Fáveri (2004) oferecem um contexto histórico específico para o protestantismo luterano em Santa Catarina. Klug (1991) investigou a consciência germânica e o luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis. Sua pesquisa teve como objetivo investigar o papel do germanismo na comunidade luterana de Florianópolis e sua relação com a igreja. O estudo incluiu uma análise da presença alemã em Santa Catarina, com foco em aspectos como associação, trabalho, repatriamento e opiniões sobre a imigração, com ênfase em Joinville, Blumenau e Santa Isabel.

A igreja luterana de Florianópolis foi analisada, incluindo a Escola e Cemitério Alemão, que tiveram relevância na história da comunidade. Também foram explorados diversos aspectos da vida da comunidade, como estatutos, construção de edifícios, desafios com a imigração, relação com a igreja católica, crises e a atuação de pastores, isso se relaciona com essa pesquisa na medida em que ele propôs abordagens historiográficas também aqui utilizadas: ao problematizar e relacionar a vida cotidiana e patrimônios simbólicos dos imigrantes alemães com o luteranismo étnico visando o contexto de nacionalização varguista.

Marlene de Fáveri, por sua vez, abordou as memórias da Segunda Guerra em Santa Catarina, trazendo recortes que explicitaram como eventos históricos globais e nacionais influenciaram as comunidades locais, incluindo as luteranas étnicas e como esses eventos tocaram essas vivências locais e como essas mesmas foram transformadas por seu contexto. Sua análise partindo de fontes orais, sejam por ela entrevistadas ou já documentadas, bem como a problematização das narrativas circundantes nos círculos de colonização germânica na Era Vargas é repercutida aqui.

Portanto, esses referenciais teóricos se entrelaçam de maneira aprofundada para permitir uma análise abrangente do impacto da nacionalização varguista na comunidade luterana germânica de Araranguá. Eles oferecem as ferramentas conceituais necessárias para

compreender não apenas as políticas do Estado, mas também as respostas e experiências das pessoas envolvidas, contribuindo para uma narrativa sobre esse período histórico específico e suas implicações para a identidade nacional, religiosa e étnica no Brasil.

Nesse contexto, as fontes, como os depoimentos do memorialista Valdemar Hahn Júnior<sup>3</sup> em "Histórias de Família", tornam-se vitais para desvendar as nuances dessas representações simbólicas, proporcionando uma visão íntima das experiências familiares e como essas narrativas moldaram a identidade e a história da comunidade ao longo do tempo. O trabalho é uma jornada de exploração histórica e genealógica que visa traçar a trajetória da Família Hahn, particularmente centrado-se em Albert Hahn<sup>4</sup>, um personagem central na história dessa família. A pesquisa teve origem em conversas familiares e memórias pessoais compartilhadas entre parentes, que destacavam histórias e eventos ligados aos bisavós e antepassados da Família Hahn, bem como as conexões com a região de Araranguá, em Santa Catarina.

Hahn compartilha suas lembranças ao ouvir essas histórias, particularmente durante visitas a familiares em Sombrio e Balneário Arroio do Silva. Sua pesquisa se concretizou quando, incentivado por familiares, decidiu iniciar o registro da genealogia da Família Hahn. Essa iniciativa envolveu a coleta de informações por meio de entrevistas, registros de documentos como certidões de nascimento e óbito, visitas a igrejas e cemitérios locais, bem como a identificação e localização de parentes e fontes de dados relevantes.

O livro do jornalista Nei Manique e Arse Griebeler (2019) contribui a partir da catalogação de fotos, relatos e narrativas sobre a jornada dos imigrantes alemães a partir de 1890 em Criciúma e Araranguá. No livro intitulado "Aqui Descansam em Deus", a pesquisa aborda a história e memória da comunidade luterana de Araranguá, Santa Catarina e incorpora

---

<sup>3</sup> Valdemar Hann Júnior é graduado em Ciências Econômicas pela FESSC/UNISUL, concluindo sua formação em 1983. Em 1990, obteve o diploma de graduação em Pedagogia pela FAED/UNISUL. Além disso, realizou sua pós-graduação em Ciências Contábeis na UNISUL, finalizando o curso em 1999. Durante um período de 33 anos, ele atuou como servidor do Estado de Santa Catarina, desempenhando funções tanto na área do Magistério quanto na área contábil relacionada ao patrimônio imóvel. Ao longo de duas décadas, exerceu a docência na UNISUL, de maneira paralela ao seu trabalho no Estado de Santa Catarina. Durante esse período, ministrou disciplinas em diversos cursos, como Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia, Psicologia e outros, utilizando principalmente o formato de ensino virtual. Atualmente, ele desempenha suas atividades profissionais no Departamento de Cultura do Município de Araranguá.

<sup>4</sup> Sobre Albert Hahn, Valdemar explicita que "Albert Hahn, filho de Ferdinand Adolph Hahn e de Dorothee Sabine Wilhelmine Blum Hahn, imigrantes alemães oriundos de Spandau, subúrbio de Berlim, Capital da Alemanha, que chegaram ao Brasil no Rio de Janeiro em 25 Dezembro de 1885, e em Santa Catarina em primeiro de Janeiro de 1886, aportando no Desterro, atual Florianópolis, de onde deslocaram-se para o Sul do estado, instalando-se em Orleans por cerca de 2 anos. Após este período em razão de dificuldades mudaram-se para Forquilha por um período de quatro anos e depois para Araranguá onde finalmente assentaram residência, trabalhando como agrimensores, agricultores, pedreiros, funileiros e carpinteiros." (Hahn, no prelo. p.6)

entrevistas realizadas nas décadas de 1990 e no ano de 2018 com membros dessa comunidade, a fim de proporcionar uma visão mais abrangente e precisa de sua experiência ao longo do tempo. Vale ressaltar que as entrevistas da década de 1990 foram conduzidas em um contexto marcado pelo centenário da colonização alemã em Criciúma, ocorrido em 1995.

Também é importante notar a forma pela qual se conduziu ambas as produções numa premissa de “rememorar” a trajetória germânica, que pode ou não perpassar pelo luteranismo. A perspectiva abordada por Nei Manique e Arse Griebeler<sup>5</sup> no livro “Aqui descansam em Deus” é ampla e generalista em sua trajetória narrativa, dado ao teor publicitário e saudosista em que ela narra as histórias, possuindo um aporte no sentido de acoplar em conjunto com as entrevistas elaboradas em 1995 e no ano de 2018, uma história geral da trajetória, ou nas próprias palavras do subtítulo do livro “a saga dos imigrantes alemães”. Esse livro tem um foco nas memórias presentes no cemitério étnico luterano da Barra do Jundiá, cemitério esse que é um patrimônio importante para a compreensão da construção e manutenção das identidades culturais e religiosas presentes na comunidade.

Para esse artigo, algumas perguntas são centrais, como: qual a recepção das comunidade étnica luterana de Araranguá ao regime nacionalizante durante a era Vargas? Quais os desdobramentos e ações nacionalizantes que afetaram essa comunidade, bem como os seus patrimônios simbólicos? Como se deu a construção e manutenção do primeiro cemitério evangélico no Sul de Santa Catarina, visto a perseguição a comunidades étnicas e controvérsias com a nacionalização? Como os imigrantes enxergavam ou, segundo as narrativas recebidas, como eles viam os “brasileiros”? Quais as tensões e conflitos sociais e religiosos que perpassa a comunidade luterana étnica de Araranguá durante o processo de nacionalização varguista?

## **2. A COMUNIDADE LUTERANA DE ARARANGUÁ**

Sobre a comunidade luterana étnica de Araranguá, e seus processos vividos especialmente nos anos de 1930 e 1940, e de acordo com informações obtidas de registros de batizados, casamentos e outras fontes, a sua formação pode ser situada a partir do ano de 1904.

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que Nei Manique e Arse Griebeler possuíam já no ano de 2018 (data da elaboração do livro) especialização em Estudos Sociais pela UNESCO, o que reforça um empreendimento com algumas ferramentas historiográficas no livro, embora a abordagem das narrativas segue-se num esforço de colocar em tópicos lineares os assuntos das entrevistas. Segundo entrevista de Manique e Griebeler para o portal Engeplus em 2019, o livro possui o intuito de “contar a história deles, e não a vida pessoal de cada um”. Fonte: <https://www.engeplus.com.br/noticia/leituras-cia/2019/livro-narra-a-trajetoria-da-imigracao-alema-em-criciuma-e-ararangua>

Segundo Hahn (No prelo, p. 72), neste ano, quatro dos imigrantes<sup>6</sup> que então residiam na região procederam à formalização do seu desligamento da comunidade luterana de Criciúma, que, em termos políticos, estava vinculada à localidade de Araranguá. Esses quatro imigrantes optaram por se integrar ao Sínodo da comunidade luterana de Três Forquilhas, situada no Estado do Rio Grande do Sul.

Acredita-se que a decisão de se vincular ao Sínodo da comunidade luterana de Três Forquilhas no Rio Grande do Sul tenha sido influenciada, em parte, pela maior facilidade de deslocamento dos pastores dessa região mais ao sul até Araranguá ou a Barra do Rio Jundiá. Essa facilitação no acesso se dava em virtude da presença de pastores estabelecidos naquela região há mais tempo, dado que a colonização de origem alemã ou norte-europeia na região se iniciou a partir de 1826.

Nesse contexto, os pastores da comunidade visitavam a região em determinados intervalos de tempo, podendo ser em um domingo específico, mensalmente ou a cada dois meses, para a realização de cerimônias de casamento e batizado, bem como, possivelmente, cultos para encomendação de falecidos. É importante destacar que, até o ano de 1932, os sepultamentos eram realizados na localidade de Poço da Lontra, localizada a alguns quilômetros ao sul e a leste da Barra do Rio Jundiá e Itoupava I.

Segundo Hahn (no prelo, p.72) os primeiros anos da formação da comunidade, até a construção da igreja em 1934, as cerimônias religiosas ocorriam nas casas dos imigrantes, sendo a casa de Wilhelm Hahn um local significativo para esses encontros. Essa casa, construída entre 1914 e 1918, desempenhou um papel central na vida religiosa da comunidade. Além disso, os cultos também ocorriam do outro lado do Rio Itoupava, em outra edificação que permaneceu na área até o final dos anos 80.

Nesse artigo é feita uma distinção necessária entre a “comunidade luterana de Araranguá” e a “comunidade germânica de Araranguá”. Ainda que dialogar com as fontes existentes, implique necessariamente em tocar na trajetória dos imigrantes alemães, pois é no seio dessa identidade cultural étnica que surge o luteranismo araranguaense, nem todo imigrante descendente alemão de Araranguá entre os anos 1930 e 1940 era luterano, estavam presentes entre os imigrantes outra manifestação religiosa, a saber, o catolicismo romano, e durante esse recorte histórico é dado que houveram algumas conversões do primeiro segmento

---

<sup>6</sup> Tratam-se de Georg Nagel, Karl Meister, Ludwig Pipke e Robert Maier. Esse desligamento foi estabelecido em uma negociação em 24 de junho de 1901 onde também estava presente o Pastor Lechter de Três Forquilhas, em nome da Igreja Evangélica alemã do Rio Grande do Sul (Sínodo Rio-Grandense).

para o segundo. O luteranismo em Araranguá surge sob o conceito de *protestantismo de imigração*, isso partindo do conceito de distinção dos protestantismos brasileiros de Camargo (1973). Esse *tipo* de protestantismo possui características singulares que lhe é próprio, como a falta de um manejo maior com o proselitismo fora dos círculos étnicos em que ele é proposto, ou seja, a sua principal forma é a manifestação da religiosidade dentro das comunidades, excluindo-se a tentativa de angariar novos membros a essa confessionalidade que não pertençam ao grupo étnico.

Para se fazer uma análise quantitativa, partindo das narrativas presentes em oralidades da época (anos 1930 e 1940), segue-se segundo o depoimento de Oscar Fernando Peplau<sup>7</sup> que:

Havia um bom grupo de alemães em Itoupava. Os Hahn, os Steckert, Gustav Blum, o Pindermann, o Buettner, o Schwartz e outros mais. Era toda uma linha de alemães luteranos. Entre eles havia um católico, o Pietsch[...]<sup>8</sup>

E ainda sobre os aspectos religiosos dos imigrantes Manique traz que:

Luteranos na sua maioria, os colonizadores alemães souberam evitar conflitos de ordem religiosa com as comunidades católicas graças ao seu espírito de tolerância. (Manique, 2019, p.47).

Mas há também indícios de uma relação não muito harmoniosa entre os adeptos das duas religiões, uma tensão que se enraizava em fatores étnicos. Nas narrativas, o catolicismo frequentemente se associava aos brasileiros locais e italianos, enquanto o luteranismo era adotado principalmente pela comunidade de origem alemã. Os alemães residentes na região eram majoritariamente luteranos, mas já nesse período de alicerçamento do luteranismo houveram algumas conversões ao catolicismo. Albert Hahn, agrimensor da região que por questões de distância e relacionamentos estabelecidos com “brasileiros” católicos convertera-se:

---

<sup>7</sup> Oscar Fernando Peplau, nascido em 31 de maio de 1911 e falecido em 13 de julho de 1999, foi uma figura proeminente de Criciúma. Em Araranguá, desempenhou papel ativo como empreendedor ao lado de Franz Wilhelm Hahn e Jaime Wendhausen na fundação da empresa Wendhausen & Cia., posteriormente conhecida como Hahn, Peplau & Cia. Ltda. Estabelecida na esquina da Praça Hercílio Luz com a Avenida Getúlio Vargas, onde atualmente está situada a Loja Ponto Frio. Filho de imigrantes alemães, Wilhelm Peplau e Carolina Peplau, Oscar era casado com Maria Catharina Mezzari Peplau.

<sup>8</sup> DALL’ALBA, João Leonir. Histórias do grande Araranguá, p. 64. Entrevista concedida pelo Sr. Oscar Peplau em 1987 em Araranguá.

Albert Hahn, assim como seus pais Ferdinand Wilhelm Hahn e Wilhelmine Blum Hahn possuía sua religiosidade junto à Igreja Luterana Alemã. Na região do Grande Araranguá, em razão das dificuldades encontradas devido às grandes distâncias e aos laços de amizade criados com o Padre Antonio Luis Dias, converteu-se à Religião Católica, tendo inclusive batizado seus filhos de seu primeiro casamento com Auguste Emilie Becker Hahn na Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá, quando estes contraíram seus matrimônios. (Hahn, no prelo, p.56).

Esses depoimentos revelam não apenas as dinâmicas religiosas, mas também como as questões étnicas desempenharam um papel importante na construção da identidade religiosa da comunidade local, e, como essa identidade religiosa não era o principal motor de distinção sociocultural, mas sim as identidades nacionais estabelecidas, e como essas identidades transformavam-se conforme se colocavam os relacionamentos entre os imigrantes alemães e os brasileiros. Isso se alinha com a observação de Stuart Hall sobre as culturas nacionais e as identidades culturais nas sociedades ocidentais:

As culturas nacionais são uma construção distintivamente moderna, onde as lealdades e identificações que eram anteriormente associadas a tribos, povos, religiões e regiões foram gradualmente transferidas para a cultura nacional. Essa mudança ocorreu progressivamente nas sociedades ocidentais, à medida que as diferenças regionais e étnicas foram subordinadas sob o "teto político" do estado-nação. Consequentemente, o estado-nação se tornou uma poderosa fonte de significado para as identidades culturais modernas (Hall, 1992, p.49).

A situação da comunidade com a religião católica frequentemente associada aos brasileiros locais e o luteranismo à comunidade de origem alemã, reflete essa dinâmica de transferência de lealdades étnicas para a cultura nacional, à medida que o estado-nação desempenha um papel fundamental na construção das identidades culturais modernas. Ou seja, na medida em que os imigrantes estabeleciam relações com as demais culturas e identidades étnicas ou integravam de forma mais amistosa com a sociedade cultural brasileira, a importância de se preservar os elementos simbólicos que criam o demarcador social étnico do “alemão puro e luterano”, caía em desuso. O *protestantismo de imigração* brasileiro possui essa característica, de um princípio puramente *guetizado*, fechado a etnia, mas na medida que tinha contato, seja por questões comerciais ou de relacionamentos com a cultura local ele se transformava ou

absorvia elementos constituintes das demais religiosidades circunvizinhas (Watanabe, 2006, p.106). Para alguns historiadores, como Léonard (2002), esse processo mostrava um insucesso na implantação desse tipo de protestantismo, pois para ele o sucesso do luteranismo étnico era o quão “alemão” ele continuava sendo ao mesmo tempo em que eram relativizadas as questões doutrinárias:

Esta estreita dependência das comunidades evangélicas alemãs com relação às igrejas mães européias, seu cuidado em trabalhar por manter, antes de tudo, o caráter germânico de seus membros, sua indiferença, com relação à evangelização do país e sua inconsistência doutrinária, reflexo do confucionismo da denominação que dependiam foram **a causa do sucesso da missão** enviada ao Brasil (Léonard, 2002, p.279).

Isso demonstra como as questões étnicas e religiosas estão intrinsecamente ligadas às identidades culturais, conforme destacado por Stuart Hall (1992). E levando em consideração o contexto social de forte campanha da nacionalização varguista, a sociedade ao redor das colônias alemãs tencionava os imigrantes a um processo de “transferência de lealdades” mais contundentemente. Segundo Klug, o catolicismo era a voz da religiosidade brasileira:

Com o advento da República, a Igreja Católica, em certo sentido, substituiu a tutela do Estado por um estreitamento de relações com Roma, o que colocava os imigrantes luteranos sob o holofote negativo da heresia. Resíduos da intolerância do período imperial foram trazidos à República e durante longos anos permaneceram, mormente a lei assegurar a liberdade de culto (Klug, 1991. p.115).

Esses tensionamentos e disputas entre luteranos e católicos são reverberados em algumas narrativas:

O Pastor Schwab<sup>9</sup>, foi uma árdua batalha no sul [...]. No ano de 1911, ele escreveu [...]: “[...] Criciúma e arredores, pode ser considerada perdida para os protestantes alemães. No norte, os jesuítas e capuchinhos buscam, por todos os meios, extinguir as escolas protestantes. Um dia, durante uma das minhas viagens a uma pequena comunidade em São João, um padre<sup>10</sup> estava presente. Mal comecei meu culto, ele parou bem perto de nossa capela, praticando tiro ao alvo com uma carabina o tempo todo...”. Na mesma colônia, o referido padre foi de casa em casa, benzendo-as para que os protestantes que lá frequentavam não perdessem a felicidade (Dreher, 1998, p. 120).

Fáveri (2004) em suas pesquisas sobre a colonização alemã em Santa Catarina, em meio as investidas nacionalistas da década de 1930 observa que se por um lado as comunidades alemãs encontravam-se em certa medida em um isolacionismo nacional e ligadas com ideologias que emergiram na Europa e por outro lado, eram confrontadas com a política nacionalista de Vargas.

[...] a política do então presidente Getúlio Vargas aproximara-se dos Aliados norte-americanos na bem arquitetada política da “boa vizinhança”, levando a uma acirrada “caça” aos imigrantes ítalo-germânicos e seus descendentes que residiam no país. As estratégias de repressão, criadas através de leis e decretos, legitimaram a linha dura na perseguição de todo e qualquer estrangeiro, brasileiro naturalizado ou nascido no país que não se alinhasse à política ideológica de um Estado que geria a população nos mínimos detalhes, querendo homogeneizar condutas e sentidos, “abrasileirando-as” a qualquer custo (Fáveri, 2007, p. 92).

Em 1930, em meio ao processo migratório de comunidades alemãs, o governo brasileiro, sob a égide da nacionalização varguista, instaura um período de “caça às bruxas” a comunidades étnicas, e por sua vez, igrejas étnicas. Os resquícios dessa trajetória protestante luterana no Brasil, entre os anos 1930 e 1940, possibilitam compreender as narrativas desse período e trazem um maior conhecimento do próprio *modus operandi* dessas comunidades, suas desventuras, processos de exclusão e inclusão no *status quo* social brasileiro da época, e também a própria identificação com o “ser brasileiro”. (Fáveri, 2007, p. 92)

A partir de 1932, um pastor passou a residir na comunidade de Araranguá, notadamente

---

<sup>9</sup> O Pastor Carl Schwab, de Steinbach, da região de Halle na Alemanha veio para o Brasil auxiliar na manutenção e no pastorado das comunidades alemães, ele assumiu a paróquia de Orleães e atendia a região de Capivari e a nova colônia aberta em “Anitápolis”.

<sup>10</sup> O nome do padre era August Schwirling.

o Pastor Fritz Goehring<sup>11</sup>, figura que permanece profundamente lembrada entre os membros mais idosos da comunidade, sendo constantemente citado nas entrevistas e depoimentos coletados por Valdemar. Sua trajetória marcou a comunidade de formas muito profundas e intrinsecamente liga-se com a difusão de um luteranismo com forte ênfase germânica. Sua ligação com o nazismo é repercutida em trabalhos e pesquisas acadêmicas como na pesquisa de Renan Borges Gonçalves (2010) “O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no Vale do Araranguá durante a 2ª Guerra Mundial”, também na dissertação de Fáveri “Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina.” (2005) e no livro de Nelson Adams Filho “A II Guerra entre nós, no Sul do Brasil” (2019).

Fato interessante sobre o luteranismo no solo araranguense, é a construção do cemitério ser anterior a construção da Igreja. Os indícios indicam que os imigrantes alemães de Araranguá utilizavam um outro cemitério anteriormente:

A Colônia Alemã, iniciava na Barra do Rio Jundiá, onde residiam Wilhelm Hahn e seus filhos, em direção ao sul, até a Itoupava I, nas proximidades das terras de Arthur Nonenmarcher e da família Nagel. Atravessando o rio, ia até Sapiranga. Em Itoupava II, era toda esta parte da estrada onde nós morávamos. Indo até o Poço da Lontra, onde havia o primeiro cemitério luterano, desativado nos anos 30. Terminava antes de chegar no encruzo da Boa Vistinha (Hahn, no prelo, p. 47).

Em 1932, com apoio da comunidade germânica ao redor da Barra do Rio Jundiá, Alexandre Pietsch, descendente de alemães católico, tomou a iniciativa de fazer um cemitério. Segundo uma entrevista concedida ao Padre João Dall Alba, o próprio tornou-se o primeiro a ser sepultado nele: “Pietsch, tomou a iniciativa de fazer um cemitério. Quando estava pronto, o primeiro a falecer foi ele. Isto depois da capela. Antes só havia o cemitério de Araranguá”<sup>12</sup>.

Segundo as narrativas presentes no livro “Aqui descansam em Deus”, os imigrantes alemães que antes moravam na Linha Anta e Três Ribeirões, mudaram de localidade, e por sua

---

<sup>11</sup> Pastor Fritz Göhring (1908-1976): Nascido na antiga Colônia de Camarões sob domínio do Império Germânico, o Pastor Fritz Göhring, filho de missionários alemães. Após estudar na Alemanha, migrou para o Brasil com sua esposa Marie, estabelecendo-se em Barra do Rio Jundiá, RS, entre 1932 e 1942, onde enfrentou perseguições durante o Estado Novo. Posteriormente, foi aprisionado em Campos de Concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Após sua libertação, enfrentou desafios em diversas cidades catarinenses, destacando-se por seu trabalho pastoral e enfrentando discriminações. Göhring aposentou-se em 1970 e faleceu em Tubarão, SC, em 1976. Sua trajetória é marcada por ligações com o nazismo, e sua contribuição significativa para as comunidades luteranas no sul do Brasil.

<sup>12</sup> DALL“ALBA, João Leonir. Histórias do grande Araranguá, p. 64. Entrevista concedida pelo Sr. Oscar Peplau em 1987 em Araranguá.

vez, construíram um cemitério nas novas proximidades para onde foram, tendo iniciado esse “êxodo” e “transmigração” no ano de 1917 (2019, p.39).

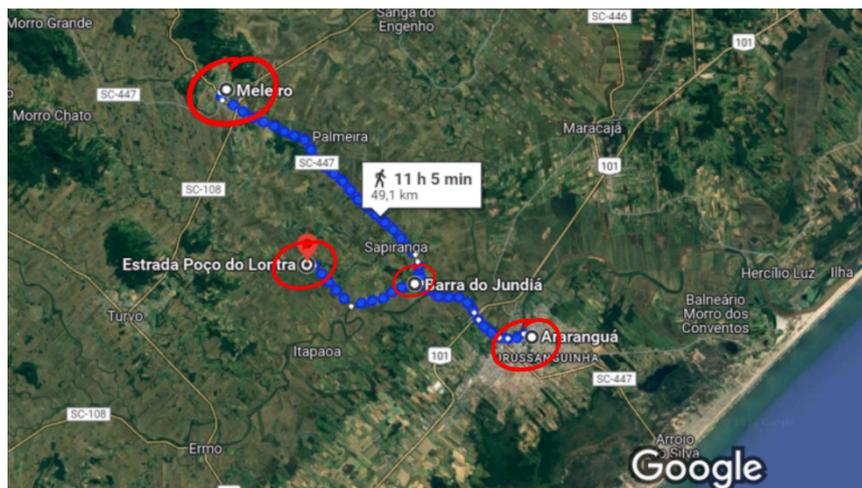
A implantação do núcleo nas comunidades de "Linha das Antas" (nome original da Linha Anta) e Linha Três Ribeirões, hoje limites de Criciúma, Morro da Fumaça e Içara, coincide com a época em que os imigrantes poloneses se instalaram numa localidade próxima, a Linha Batista, entre outubro e novembro de 1890. As duas localidades foram apenas portais de chegada, sinônimo de uma liminaridade de incontáveis sofrimentos. Motivados pelo solo de baixa produtividade, optaram pelo Vale do Araranguá erigindo o Cemitério Alemão da Barra do Jundiá [...] (Manique, 2019. p.13).

**Figura 1 – Mapa das localidades das transmigrações**



Fonte: Elaborado por ferramenta do Google Maps, 2023.

**Figura 2 – Mapa das localidades próximas a Barra do Jundiá**



Fonte: Elaborado por ferramenta do Google Maps, 2023.

O cemitério era fundamental para a comunidade, principalmente para o luteranismo e sua distinção com os católicos e outras religiosidades, essas edificações criaram um senso de comunidade étnica distinta, seu vínculo é intrínseco ao luteranismo e a Igreja Luterana de Araranguá. Inclusive quando Valdemar Hahn (No prelo) fala sobre o cemitério no seu livro, ele escreve sobre cada enterro relatado que os luteranos eram “sepultados no Cemitério Luterano, anexo ao Templo de São João da Igreja Luterana em Barra do Rio Jundiá”, esse anexo não denota apenas pertencimento geográfico, mas de construção e domínio simbólico. Essa materialidade simbólica de um objeto patrimonial é repercutida e entrelaça-se com o conceito de Chartier, onde ele pontua que os símbolos na forma de dispositivos formais estabelecem uma representação de diferenciação social:

Por um lado, os dispositivos formais — textuais ou materiais — inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas e as competências do público a que visam organizando-se portanto a partir de uma representação da diferenciação social. Por outro lado, as obras e os objetos produzem sua área social de recepção, muito mais do que as divisões cristalizadas ou prévias o fazem (Chartier, 1991, p.186).

Essa resistência em manter os patrimônios simbólicos próximos geograficamente e separados religiosamente, reverberando as tradições da comunidade, denotam uma construção de identidade germânica em solo brasileiro que procurava o estabelecimento do alemão puro e luterano *de origem*, algo que é problematizado por Hobsbawm em suas reflexões e destrinchamento da origem das identidades nacionais:

A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo ou folk puro, original. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder (Hobsbawm, 1983, p. 1).

O cemitério, portanto, emerge como um monumento de grande importância histórica, rico em narrativas e repleto de simbolismo religioso luterano, particularmente para os membros da comunidade alemã da região do Vale do Araranguá. Sua presença e manutenção refletem não apenas o aspecto prático de fornecer um local de descanso final, mas também a preservação da identidade étnica e religiosa ao longo das gerações, definindo um marco simbólico que ecoa na história do luteranismo na região, “um lugar santo”.

Por outro lado, uma parte dos imigrantes - sobretudo após a Primeira Guerra Mundial - se estabeleceu em cidades maiores como Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. A concentração em algumas regiões do Sul, além da manutenção da língua e de outras características da cultura original e da presença marcante de uma imprensa, escola e associações germanizadas, criou condições para o surgimento de uma etnicidade teuto-brasileira, cuja marca é o pertencimento primordial a um grupo étnico demarcado pela origem alemã (Hahn, no prelo, p.9).

Posteriormente a construção do cemitério, ocorre a construção do Templo da Igreja Luterana da comunidade:

Hermann Becker construiu e foi o responsável pela construção de diversas residências na região de Araranguá, incluindo a casa de seu cunhado Wilhelm Hahn em Barra do Rio Jundiá. Sua última obra foi a construção do Templo Evangélico da Igreja Luterana São João, inaugurado no ano de 1934. (Hahn, no prelo, p.32).

A seguir imagem da inauguração do Templo Evangélico da Igreja Luterana São João, 1934, Barra do Rio Jundiá. Com a bandeira brasileira a esquerda e a direita a bandeira oficial da Alemanha em 1934 que era ornamentada com a suástica nazista.

**Figura 3 – Inauguração da Igreja Luterana de Araranguá em 1934:**



Fonte: Extraída do livro “A II Guerra entre nós, no Sul do Brasil” (2019) da página 142.

Nessa foto da inauguração da Igreja elementos simbólicos são emitidos, como a presença da bandeira brasileira ao lado da bandeira alemã, constituindo-se em uma junção de identidades culturais, e promulgando o que distinguia a comunidade: a germanidade. A bandeira brasileira ao lado, por sua vez, representava um papel simbólico na disputa das lutas de identidades, como conceitua Chartier sobre as formas de representações coletivas e identidades sociais:

[...] uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma [...] (Chartier, 1991, p.182 ).

Tais símbolos unidos e evidenciados na inauguração do patrimônio simbólico da comunidade luterana étnica de Araranguá (o templo religioso) faziam prelúdio aos processos que a mesma vivenciaria a partir disso, como sua relação estreita com o nazismo, com o germanismo e a configuração do tipo protestantismo de imigração.

### 3. CULTURA ALEMÃ NO SEIO DO LUTERANISMO ARARANGUAENSE

Manique (2019), no livro "Aqui Descansam em Deus", procura não apenas registrar a história da comunidade luterana de Araranguá, mas também compreender as experiências pessoais, as relações e as complexidades que transformaram a identidade e a memória dessa comunidade ao longo de décadas, como coloca Fáveri:

O lugar da memória é ímpar; os lugares da memória podem ser coletivos, mas a experiência é profundamente pessoal e vivida por pessoas reais, pulsantes. Envolver-se nas entrelinhas das lembranças é também uma aposta na sensibilidade, na leitura dos silêncios e das margens – de que outra forma saberíamos hoje dessas miúdas práticas cotidianas? [...] (Fáveri, 2004, p.252).

É importante também notar a escola que a comunidade possuía na década de 1930 e a biblioteca da casa pastoral, ambos elementos propagadores da cultura germânica e do luteranismo na região. Segundo Hahn (No prelo), através das oralidades do neto do Pastor Fritz Göhring, cujo nome também é Fritz Gerhardt Göhring, anexado ao seu livro (No livro) a biblioteca possuía um acervo de mais de 2.000 livros<sup>13</sup>. Com o acirramento da nacionalização varguista, a forte perseguição ao germanismo propagado pelas comunidades étnicas, a polícia do Estado Novo identificou elementos materiais que poderiam “dificultar” o processo de nacionalização, começando então a “caça às bruxas”. Segundo historiadores como Fáveri (2005) por exemplo, algumas comunidades conseguiam ouvir a programação da rádio vinda da

---

<sup>13</sup> Fritz Gerhardt Göhring, entrevista concedida a Valdemar Hahn Junior, na cidade de Araranguá em 13 de maio de 2021.

Alemanha. Segundo Hahn (no prelo), o próprio Wilhelm Hahn e familiares assinavam um jornal alemão *Deutsche Post*<sup>14</sup> e o jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre<sup>15</sup>. Era uma forma de estarem em constante comunicação com outras regiões do país e “inteirados do que acontecia na Alemanha, pátria mãe de seus pais, que nunca a esqueceram.”

E sobre a utilização da rádio Hahn ainda traz que:

Possuíam rádio, considerado um luxo para a época. As demais famílias de origem alemã, para estarem informadas do que se passava na Alemanha, reuniam-se na casa de Wilhelm Hahn e ouviam notícias vindas direto de Berlim. Em uma destas reuniões, por ocasião de seu aniversário, Wilhelm Hahn foi chamado pelo rádio desde Berlim. “Wilhelm Hahn aus Brasilien”, sendo saudado pelo seu pioneirismo, por sua bravura e por vencer as dificuldades encontradas e enfrentadas no Brasil (Hahn, no prelo, p. 61).

No depoimento de Oscar Peplau para o Padre João Dall Alba em oito de fevereiro de 1987 ele dizia:

Walter Hahn tinha rádio. Tiraram. Fritz Gohring, pastor luterano, teve sua casa vasculhada. Pegaram-lhe as fotografias trazidas da Alemanha, fizeram um monte no pátio, puseram gasolina e queimaram em sua presença [...] (DallAlba, 1997, p. 64).

Até a conclusão da construção da igreja, os cultos religiosos também aconteceram na casa do pastor, que, caso ainda existisse, estaria localizada próxima ao cemitério. Segundo Hahn (no prelo) e através do depoimento por ele coletado do neto do referido pastor, essa casa serviu como escola até 1942, quando foi invadida pela polícia varguista, resultando na queima de uma coleção de mais de 2000 volumes de livros, revistas e jornais, a maioria dos quais eram doações vindas da Alemanha e do governo prussiano, bem como doações dos moradores locais.

A força e potência simbólica que a queima dos livros, fotografias, entre outros bens culturais socialmente marcados, caracterizando aquela comunidade como culturalmente

---

<sup>14</sup> Nenhuma outra informação sobre qual seria esse jornal fora encontrada, algumas fontes apontam genericamente para um jornal de língua alemã, como Gonçalves (2010), que traz em seu TCC que segundo os escritos pessoais de João Francisco Arnold “todos os imigrantes eram assinantes do jornal semanário em língua alemã, ou recebiam regularmente jornais e revistas diretamente da Alemanha.” (p. 57).

<sup>15</sup> O *Correio do Povo* é um jornal diário brasileiro em formato tabloide pertencente ao Grupo Record, com circulação no estado do Rio Grande do Sul. Foi fundado em 1 de outubro de 1895 pelo jornalista Caldas Júnior. Circulou durante 89 anos de forma ininterrupta, entre 1895 e junho de 1984, reiniciando sua publicação em 31 de agosto de 1986. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio\\_do\\_Povo#cite\\_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_do_Povo#cite_note-1), acesso em 18/11/2023.

germânica, portadora de livros e “transportadora” do puro germanismo, ainda que em terras brasileiras, marca-se como evento singular e ápice de todo o contexto do projeto de nacionalização varguista e os seus atravessamentos na comunidade étnica luterana de Araranguá. Isso demonstra como esse projeto de nacionalização se encaminhou num empreendimento autoritário, numa busca por queimar livros, destruir saberes locais e numa tentativa de apagar uma identidade cultural a sublimando, e por sua vez, afirmando aquela “identidade nacional imaginada” (Hall, 1992, p.51) Como aponta Chartier:

Por outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, capazes de marcar os desvios mantidos. [...] Tudo acontece como se as diferenciações entre os modos de ler fossem multiplicadas e afinadas à medida que o escrito impresso fosse se tornando menos raro, menos confiscado, mais corriqueiro. [...] (Chartier, p. 187, 1991).

E sobre as perseguições que caracterizam o contexto da Segunda Guerra, a nacionalização varguista e os processos vivenciados pelo atravessamento desses eventos na comunidades étnicas luteranas Gertz pontua que:

Enquanto essas formas de relacionamento com o Estado, muitas vezes, procuravam mostrar uma certa restrição à atividade político partidária, as perseguições durante a Segunda Guerra levaram, compreensivelmente, a um certo fortalecimento do luteranismo (Gertz, 2007, p.27).

Tal fortalecimento se valeu de uma estratégia interna das colônias alemãs para se articular melhor politicamente, na tentativa de garantir a livre manifestação do luteranismo no Brasil, isso explica a busca por aparelhos legais que garantissem a laicidade e cidadania plena por este grupo:

Deve-se apontar ainda para um outro aspecto da inserção dos luteranos no aparelho de Estado brasileiro: a participação na luta pela manutenção da laicidade da República brasileira. (Gertz, 2007, p.27)

Essa ligação constante entre as comunidades étnicas luteranas de Santa Catarina com a Igreja da Alemanha<sup>16</sup> são evidenciadas nas pesquisas de Klug, onde ele aponta um importante

---

<sup>16</sup> Trata-se da “Deutsche Evangelische Kirche”, Igreja Evangélica Alemã . De 1933 a 1945, a Igreja Evangélica

fator da luta de representações entre a Alemanha e o Brasil, tendo como núcleo a religiosidade e presença cultural-material simbólica nas comunidades instalados no Sul:

Esta relação econômica pode ser qualificada como reflexo da dependência e subordinação frente à igreja alemã. A missão principal do núcleo paroquial evangélico, constituído basicamente por igreja, casa pastoral, escola e cemitério, segundo Willems, era o "trabalho pelo germanismo no estrangeiro" [...] Tendo em vista esse objetivo, o núcleo devia lutar para permanecer isento de influências sócio-culturais brasileiras (Klug, p100. 1991).

Ou seja, no epicentro da manutenção do germanismo em solo brasileiro, a preocupação em consolidar as permanências simbólicas materiais nas comunidades tinha como fonte basilar a construção daquilo que podemos chamar de monumentos luterano-germânicos: a igreja, a casa pastoral, a escola e o cemitério. Klug faz essa análise na Comunidade Luterana étnica de Florianópolis, mas esse processo tornou-se um padrão e foi patrocinado ativamente pela Igreja da Alemanha, como ele mesmo ratifica a “relação e subordinação” das igrejas aqui plantadas à Igreja Alemã. Essa relação fica mais explícita num relatório complementar de 1933, resultante do trabalho desenvolvido pelo Pastor Wilhelm Schmidt<sup>17</sup>, um pastor que veio da Alemanha ao Brasil averiguar o trabalho da expansão e manutenção do germanismo, evidenciado nas comunidades luteranas étnicas.

Ainda concentrado nas questões internas das comunidades, o pastor fez uma análise daquilo que elas precisavam e como o Estado deveria proceder para que isso fosse possível. O ano do relatório (1933) ainda não marcava o acirramento mais profundo da política de nacionalização varguista, mas já sentindo o atravessamento dessa disputa ele diz que:

---

Alemã (DEK) foi uma associação de inicialmente 30 igrejas regionais protestantes alemãs durante a era nacional-socialista . Como sociedade anônima de direito público, substituiu a Associação Alemã de Igrejas Evangélicas. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Deutsche\\_Evangelische\\_Kirche](https://de.wikipedia.org/wiki/Deutsche_Evangelische_Kirche), acesso em 18 de novembro de 2023.

<sup>17</sup> O referido relatório foi traduzido por Helena Remina Richlin e encontra-se no arquivo pessoal do memorialista Valdemar Hahn Junior. O Pastor Wilhelm Schmidt era um pastor luterano, que fora enviado pelo governo prussiano a fim de averiguar a situação das escolas e igrejas germânicas em Santa Catarina.

Esse sucesso [da implantação das comunidades luteranas étnicas] depende, entre outras coisas, da situação política do país. Se o nosso estado receber um governo agressivo e antiestatal, que, embora já não seja tão brutal como era na época em que os protestantes foram proibidos de construir torres em suas igrejas, ainda trabalha secreta e dissimuladamente contra a cultura alemã, prejudicando significativamente o desenvolvimento frutífero que poderia existir (Schmidt, 1933, p.1).

Isso mostra como a Igreja da Alemanha<sup>18</sup> estava consciente do poder estatal para a promulgação ou impedimento da manutenção do germanismo no Brasil, isso tendo um dos braços principais para essa promulgação, o luteranismo. Um exemplo disso, colocado no relatório, foi uma disputa entre um pastor<sup>19</sup> oriundo de Missouri, Estados Unidos, onde se encontrava o Sínodo de Missouri<sup>20</sup> onde o relator diz que:

Nas duas Comunidades de Araranguá e de Praia Grande o Pároco que tinha vindo do Missouri foi finalmente afastado. Em um futuro próximo, isso fará com que o sul de Santa Catarina esteja livre desses fanáticos antigermânicos, que, na sua arrogância religiosa, ousam afirmar que a nossa igreja é a igreja do Anticristo e que os Pastores do Rio Grande não acreditam em nenhum Deus. O missionário Lange vindo do Missouri, que atuava em Araranguá, abandonou seu campo de trabalho malsucedido de 10 anos (Schmidt, 1933, p.2).

Isso mostra que os tensionamentos entre as comunidades e a implantação do luteranismo araranguaense foi atravessado não somente por impedimentos e perseguições estatais, mas também por disputas com outra vertente do luteranismo, que não tinha como parte da sua agenda a promulgação do germanismo. Essa mesma fala do pastor demonstra qual era o papel do luteranismo na comunidade: “formar uma comunidade unificada e coesa, consciente da igreja alemã e das lutas escolares delas decorrentes”.

A forte presença não somente do germanismo, mas do projeto nacionalista alemão, é

---

<sup>18</sup> “Deutsche Evangelische Kirche”, Igreja Evangélica Alemã. De 1933 a 1945, a Igreja Evangélica Alemã (DEK) foi uma associação de inicialmente 30 igrejas regionais protestantes alemãs durante a era nacional-socialista. Como sociedade anônima de direito público, substituiu a Associação Alemã de Igrejas Evangélicas. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Deutsche\\_Evangelische\\_Kirche](https://de.wikipedia.org/wiki/Deutsche_Evangelische_Kirche). Acesso em: 19 de nov. 2023.

<sup>19</sup> Seu nome não aparece no relatório.

<sup>20</sup> O Sínodo do Missouri foi uma ramificação de origem norte-americana da Igreja Luterana. Distinto de outros sínodos luteranos, que tinham sua origem na Alemanha, o Sínodo do Missouri oficialmente rejeitava a promoção de ideais germanistas como parte de sua competência. Isso marcou uma diferença significativa em relação aos demais sínodos luteranos, reforçando sua identidade e posicionamento distinto em relação à cultura e às ideias associadas à Alemanha.

clarificada na trajetória do Pastor Fritz Göhring<sup>21</sup>, figura que já foi trazida aqui, teve sua presença na comunidade marcada por um processo de perseguição constante. Sua ligação com o nazismo bem como a filiação a NSDAP<sup>22</sup> de Santa Catarina foi um dos motivos de “maior atenção” da polícia nacionalista de Vargas a comunidade da Barra do Jundiá. No trabalho de Renan Borges Gonçalves (2010) ele investiga a análise de “uma circular remetida em dezembro de 1942 pelo diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores do Rio de Janeiro, Dr. Augusto César Lobo, aos delegados de 40 municípios catarinenses” e quanto a região de Araranguá, a resposta do delegado da época, Elói José Rosa, a essa análise transmitiu que “Fritz Göhering, pastor da Igreja Protestante e Gustav Blumme<sup>23</sup>, alemão – ex- capitão do exército alemão na guerra de 1914 – 1918 era um dos estrangeiros suspeitos de atividades contrárias ao regime político nacional, ou nocivos aos interesses e a segurança do país” (1942, p. 142). Gonçalves (2010) ainda traz que nessa mesma circular o delegado, ao responder a pergunta: “Quais sociedades civis, recreativas culturais, beneficentes [...], fechadas em consequência do rompimento de relações com a Alemanha, Itália e Japão?” Respondeu que: “A Igreja Protestante Alemã de Barra do Jundiá, que tinha como Pastor o alemão Fritz Göhering (atualmente preso em Penitenciária de Florianópolis, Santa Catarina)”. Evidenciando assim qual a perspectiva que a polícia local tinha sobre a comunidade luterana étnica, e qual o impacto que o rompimento tensionado pela política de nacionalização varguista teve sobre a comunidade. Esse impacto tem seu ápice na “queima do material tido como subversivo aos ideais nacionais” e segue-se no aprisionamento do Pastor Fritz. Essa ligação não só do Pastor Fritz, mas da comunidade luterana étnica de Araranguá com o nazismo é delineado por Gonçalves:

Os indícios apresentados permitem fazer algumas considerações: na localidade de Itoupava, um pequeno núcleo simpático aos ideais nazistas supostamente se formou, deste modo é possível que praticamente todos os alemães presos e enviados para Timbé do Sul são provenientes da Itoupava, pois além de suspeitos em relação a sua doutrina política, eram seguidores de uma outra religião, a luterana, sendo o seu reverendo (Fritz Göhering) um simpatizante nazista (Gonçalves, 2010. p.57).

---

<sup>21</sup> Fritz Gerhardt Göhring, entrevista concedida a Valdemar Hahn Junior, na cidade de Araranguá em 13 de maio de 2021.

<sup>22</sup> Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista ou Nazi, foi um partido político de extrema-direita cujo programa e ideologia ficou marcado pelo antissemitismo radical, nacionalismo e rejeição a democracia e ao marxismo.

<sup>23</sup>Blumme é identificado como membro da comunidade germânica de Araranguá, como consta na circular (1942, p. 8) e fora posteriormente também confinado em Timbé do Sul.

Essa análise, segundo Gonçalves (2010, p.56) é feita através do depoimento escrito pelo senhor João Francisco Arnold<sup>24</sup>, onde o memorialista destaca a “empolgação” e participação ativa da comunidade de Araranguá com aspectos políticos da ideologia nazista.

Os alemães residentes aqui no Brasil, [...] se sentindo mal aceitos pelo povo nativo da região, vendo os prodigiosos progressos que o Führer conseguia, passaram a venerá-lo, e não foram poucos os que se inscreveram no “Partido” do seu herói, e como o número de inscrição no partido mandava muito, com os números mais baixos levando privilégios, a pressa de se inscrever aumentava, e em pouco tempo tínhamos aqui em Itoupava II um núcleo de valorosos defensores das idéias do seu fantasioso “Führer”. E estes coitados seguidores das idéias malucas do seu celerado chefe, as únicas coisas que conseguiam era aumentar a animosidade dos seus vizinhos nativos, e nós, as crianças, pagávamos a nossa parte (Arnold, 1986, p. 36-37.).

É importante lembrar, nesse contexto, da tônica que seguiu o relatório, ainda de 1933, do Pastor alemão Wilhelm Schmidt onde o mesmo “comemora” a “conversão” de alguns membros das comunidades luteranas étnicas de Santa Catarina a ideologia nazista, e o aumento da simpatia na região que vinha recebendo a figura de Adolf Hitler:

[...] passaram a estabelecer comparações entre as condições primitivas encontradas no Brasil e as boas e ordeiras condições da Alemanha, de modo que, hoje, se transformaram nos combatentes mais zelosos a favor da nova Alemanha apregoada por Adolf Hitler (Schmidt, 1933, p.2).

O pastor Fritz foi confinado e encaminhado para “Amolla Faca” (hoje município de Timbé do Sul), onde estava um “campo de prisioneiros” para imigrantes alemães e italianos ligados com as ideologias nacionalistas de suas respectivas “origens”. A seguir, a fotografia da casa em Amola Faca, pertencente a João Alberto Becker que, segundo o livro “A II Guerra entre nós, no Sul do Brasil” (2019), serviu como local de confinamento aos simpatizantes nazistas de Itoupava I e II.

---

<sup>24</sup>ARNOLD, João Francisco. Manuscritos pessoais. Araranguá, Março de 1986.

**Figura 4: Casa do confinamento dos simpatizantes ao nazismo**



Fonte: Extraída do livro “A II Guerra entre nós, no Sul do Brasil” (2019) da página 78

Segundo o neto do Pastor Fritz em seu depoimento a Valdemar Hahn:

Com o aprisionamento do pastor, sua esposa Marie e suas filhas Ingrid e Gisela foram acolhidas pela família de Walter Albert Arthur Hahn em Itoupava, [...] Com a intensificação da perseguição aos alemães em território brasileiro e necessidade de outros locais para estas prisões, o Pastor Fritz foi transferido para o Campo de Concentração da Trindade, em Florianópolis, onde esteve até o ano de 1943, juntamente com outros pastores luteranos. O confinamento na região de Araranguá ocorreu nas terras e casa do senhor Johann Frederich Becker – João Frederico Becker – que era o chefe de quarterão e representante da polícia na localidade. As lideranças locais e membros das comunidades luteranas e católicas de Araranguá, promoveram um abaixo assinado para que as autoridades libertassem o Pastor Göhring, assegurando que o mesmo não era ativista político e não representava risco à segurança nacional. A sua libertação foi condicionada que a sua residência fosse longe do litoral (Göhring, p.2, 2021)

Nessa altura de acirramento das políticas e ações nacionalistas, oriundas do projeto de Vargas, pode-se inferir que as disputas religiosas internas entre luteranos e católicos foram tornando-se, pelo menos nesse momento, secundárias, e passando a ser mais emergente a

unificação dos imigrantes em prol da liberdade e bem-estar das comunidades, isso poderia explicar o movimento das lideranças locais de ambas as confessionalidades de união ao buscar a liberdade do Pastor Fritz. Isso se enquadra naquilo que Stuart Hall (1992) diz sobre as “identificações que eram anteriormente associadas a tribos, povos, religiões e regiões foram gradualmente transferidas para a cultura nacional” (p.49), e demonstra a permanência do processo de *guetização* das comunidades germânicas, agora não mais centrado na religiosidade, mas na germanidade, como processo de resistência da cultura nacional germânica.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise do impacto da política de nacionalização do governo Vargas na comunidade evangélica luterana de Araranguá, é possível constatar a significativa transformação dessa comunidade étnica durante a década de 1930. O conceito de representações de Chartier (1991) e identidades culturais de Stuart Hall (1992), foram categorias fundamentais para perceber as políticas de nacionalização e como exerceram influência marcante na experiência e na estrutura social, simbólica e patrimonial dessa comunidade assim como as reflexões e a historiografia do nacionalismo, delineados por Hobsbawm (1991) auxiliaram a compreender como os estados modernos constroem uma narrativa unificadora de identidade nacional, por meio da promoção e afirmação de símbolos e práticas culturais comuns

A abordagem metodológica empregada, fundamentada na análise de documentos históricos locais, dentre os quais há entrevistas com membros e descendentes da comunidade, além de revisão bibliográfica, fazendo com que se permitisse a análise das representações culturais e simbólicas que permearam esse processo. Esse enfoque revelou não apenas as mudanças impostas externamente pela política nacionalista, mas também as respostas internas da comunidade diante dessas pressões.

Isso também pontua um fator importante que caracterizou a comunidade luterana étnica de Araranguá: a sua tipificação como *protestantismo de imigração* (Camargo, 1973) que demonstra como a comunidade religiosa em si não priorizava necessariamente as confissões e questões teológicas que distinguem o luteranismo de outras religiosidades, mas enfocava no quanto o luteranismo tornava viável a permanência e manutenção da identidade cultural germânica.

A influência da nacionalização se fez sentir não apenas nas restrições linguísticas e perseguições, mas também na resiliência e na capacidade de adaptação da comunidade. A busca

pela preservação da identidade étnica e religiosa foi um desafio constante, revelando a complexidade das dinâmicas culturais e identitárias em meio a um contexto de transformações e imposições externas.

Dessa forma, a análise do impacto da nacionalização na comunidade evangélica luterana de Araranguá ressalta a importância de compreender as interações entre as políticas estatais e as identidades culturais locais, evidenciando como esses processos foram vivenciados com resistências e transformaram profundamente a experiência e a trajetória dessa comunidade étnica.

## 5. REFERÊNCIAS

ARNOLD, João Francisco. Manuscritos Pessoais. Araranguá, Março de 1986. 67p.

DALL'ALBA, João Leonir. Histórias do Grande Araranguá. Araranguá (SC): Gráfica Orion Editora, 1997. 519 p.

\_\_\_\_\_ Histórias do grande Araranguá, p. 64. Entrevista concedida pelo Sr. Oscar Peplau em 1987 em Araranguá.

DREHER, Martin N. Protestantismo de Imigração no Brasil. In: Imigrações e História da Igreja no Brasil. Aparecida : Santuário/CEHILA, 1993, P. 119.

FÁVERI, Marlene de. Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina, 2ª ed. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005

\_\_\_\_\_ Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. 1. Uma versão anterior deste artigo foi originalmente apresentada no Seminário Internacional “Relações Raciais, Direito e História” na Universidade Federal de Santa Catarina, em 17 de setembro de 2007.

GERTZ, René E. Cidadania e nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: X SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃS – SÃO

LEOPOLDO, set. de 1992. MULLER Telmo Lauro, [org.]. Nacionalização e imigração alemã. Editora Unisinos, 1994. p. 5-26.

\_\_\_\_\_ OS LUTERANOS NO BRASIL. Revista de História Regional, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2129>. Acesso em: 7 jul. 2023.

GONÇALVES, Renan Borges. O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no vale do Araranguá durante a 2ª Guerra Mundial, 2010, 76p. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/736/1/Renan%20Borges%20Gon%c3%a7alves.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GÖHRING, Fritz Gerhardt. Entrevista concedida a Valdemar Hahn Junior, na cidade de Araranguá em 13 de maio de 2021.

HAHN JÚNIOR, Valdemar. Histórias de Família: A Família Hahn - Os Familiares Descendentes de Albert Hahn. No prelo.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós Modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. [tradução Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_ e RANGER, Terence (orgs.). A Invenção das tradições. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KLUG, João. Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938). 1991. 1 recurso online ( 174 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas.

KLUG, João. A escola teuto-brasileira e o processo de modernização em Santa Catarina: ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938). 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1994). Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro. Florianópolis: Papa-livro, 1994.

LEONARD, Émile-G. O Protestantismo Brasileiro. Estudo de eclesiologia e de história social. Revista de História, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 105-157, 1951. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v2i5p105-157. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34900>. Acesso em: 12 set. 2023.

MENDONÇA, J. H. Católicos, protestantes e espíritas. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Ciência & Trópico, [S. l.], v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/150>. Acesso em: 18 nov. 2023.

RIO DE JANEIRO, dezembro de 1942. Circular remetida aos municípios catarinenses pelo diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

SOUZA, Bertone de Oliveira. HISTORIOGRAFIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: PERCURSOS E PERSPECTIVAS. Revista Mosaico, v. 5, n. 2, p. 171-179, jul./dez. 2012

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990). 2006. 219 p. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/343/1/Tiago%20Watanabe.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> – Mapa das localidades das transmigrações .....            | 15 |
| <b>Figura 2</b> – Mapa das localidades próximas a Barra do Jundiá .....    | 16 |
| <b>Figura 3</b> – Inauguração da Igreja Luterana de Araranguá em 1934..... | 26 |
| <b>Figura 4</b> – Casa do confinamento dos simpatizantes ao nazismo .....  | 30 |

